

**TRADUÇÃO E ESTUDOS INTERDISCIPLINARES:
A MULTICONCEPTUALIZAÇÃO DO MUNDO
TRADUZIONE E STUDI INTERDISCIPLINARI :
LA MULTIPLA CONCEZIONE DEL MONDO**

Maria Aparecida Barbosa (USP)

Resumo

As teorias terminológicas correntes sustentavam, de modo geral, que as metalinguagens técnico-científicas e as terminologias que lhes correspondiam caracterizavam-se por uma busca de rigor, precisão e *univocidade*, segundo a qual a um determinado conceito corresponderia um único termo, tendente à monossemia. Todavia, a evolução de tais teorias apontou para a existência de numerosos casos de *plurivocidade*. Nesse sentido, esse trabalho propõe o exame e de alguns termos, especialmente vinculados à Ecologia por meio da análise das relações semântico-conceptuais, léxico-semânticas e semântico-sintáticas dos termos.

Palavras-chave: Tradução, terminologia, monossemia, polissemia, semântica.

Riassunto

Le teorie terminologiche correnti dicevano, in modo generale, che i metalinguaggi tecnico-scientifici e le terminologie che corrispondevano a questo avevano come caratteristica una ricerca di rigore, precisione e *univocità*, secondo la quale ad un determinato concetto avrebbe corrisposto un unico termine, tendente alla monossemia. Tuttavia, l'evoluzione di tali teorie hanno mostrato l'esistenza di numerosi casi di *plurivocità*. Così che con questo lavoro

ci proponiamo di esaminare alcuni termini, specialmente quelli vincolati all'Ecologia, e lo faremo per mezzo dell'analisi delle relazioni semantico-concettuali, lessico-semantiche e semantico-sintassiche dei termini.

Parole-chavi: Traduzione, terminologia, monossemia, polissemia, semantica.

Introdução

As teorias terminológicas correntes sustentavam, de modo geral, que as metalinguagens técnico-científicas e as terminologias que lhes correspondiam caracterizavam-se por uma busca de rigor, precisão e *univocidade*, segundo a qual a um determinado conceito corresponderia um único termo, tendente à monossemia. No entanto, essas teorias evoluíram, mostrando a existência de numerosos casos de *plurivocidade*. A título de ilustração, esse trabalho propôs-se a examinar alguns termos preferenciais da Ecologia. Procedeu-se à análise das relações semântico-conceptuais, léxico-semânticas e semântico-sintáticas dos termos. Verificaram-se frequentes casos de polissemia e parassinonímia, decorrentes da construção da teoria científica e relacionados ao complexo problema da articulação entre as exigências do desenvolvimento científico, tecnológico e econômico. Analisaram-se aspectos das dificuldades que tais fenômenos podem acarretar, quando da elaboração de dicionários plurilíngues e, principalmente, na tradução de línguas/culturas diferentes.

1. Reflexões sobre a univocidade e a plurivocidade entre conceitos e denominações

A Terminologia, ciência do termo, ao longo dessas últimas décadas, consolida-se, ao delimitar com precisão cada vez maior seu universo axiomático. Assim como as demais ciências da linguagem, sustenta-se numa tensão dialética de interdisciplinaridade e de especificidade de objeto, métodos, técnicas e modelos teóricos, em relação àquelas ciências e às de outras áreas do conhecimento. Como todas as ciências e tecnologias, seus modelos evoluem, aperfeiçoam-se, acompanhando a própria dinâmica de seu objeto: a ciência é dinâmica porque dinâmico é o seu objeto.

Por outro lado, cada época tem um paradigma de ciência que, direta ou indiretamente, determina as pesquisas, as análises e os recortes observacionais do conjunto de ciências e tecnologias. Daí decorre certa uniformidade entre elas, não obstante as peculiaridades de cada uma delas. Observando-se os fundamentos da ciência terminológica, verifica-se que ela também acompanha o enfoque sincrônico e sistêmico das ciências humanas, nas primeiras décadas do século XX. Numa perspectiva mais recente, de pancronia de objeto e de método, alguns corolários vêm sendo revistos na reelaboração de seu universo teórico. Um deles, o da *univocidade*, proposto por Wuster, sofreu posteriormente profunda revisão. De fato, o ideal de univocidade perseguido por esse autor buscava diminuir ao máximo problemas de imprecisão da comunicação especializada causados por situações de polissemia e polimorfia de seus termos. No entanto, esse esforço contrariava a natureza de seu objeto – as linguagens de especialidade –, dinâmicas e mutáveis como qualquer outro tipo de sistema de significação.

Com efeito, analisando-se domínios e subdomínios do conhecimento, verificou-se paulatinamente que a plurivocidade neles ocorria com relativa frequência, justificando plenamente a tese da variação terminológica intra e inter-domínios do conhecimento e aquela que relativiza os processos e os organismos que tratam da normalização conceitual e terminológica. Talvez esse procedimento de normalização até possa justificar-se em áreas técnicas. Contudo, em áreas científicas, esses esforços de normalização tendem a limitar a natural e desejável diversidade de recortes observacionais dos pesquisadores.

Por outro lado, os sistemas semióticos linguísticos, línguas naturais e de cultura e os discursos que as manifestam, constituem processos de produção de significação e informação, por meio dos quais preponderantemente se produzem, se reiteram e se transformam os sistemas de valores e as práticas sociais das comunidades humanas. Neles se articulam dialeticamente o sentimento da continuidade histórica e a diversidade cultural. Na língua, nos discursos, léxico e vocabulários representam espaços privilegiados de produção, acumulação, transformação e diferenciação de ‘saberes’ e do ‘saber-fazer’; as unidades léxicas indicam as fontes históricas ou míticas ligadas a cada grupo e organizam a trama da cultura compartilhada pelos sujeitos falantes-ouvintes; os espaços léxico-culturais que recortam o mundo servem como baliza aos sujeitos e a seus discursos (Galisson, 1991, p. 11).

Nessa perspectiva, examinaram-se relações que se estabelecem entre conjuntos noêmicos, *lexes* (Pottier, 1991, p.60-76), *conceptus* (Rastier, 1991, p. 73-114), (Pais, 1993, p. 599-614), *recortes culturais*, em nível semântico-conceitual, e, ainda, entre os primeiros e as estruturas linguísticas, léxico-semânticas que os sustentam e manifestam, ou seja, conceitos e termos correspondentes, em nível linguístico, configuradores dos mecanismos de

produção metalinguística/terminológica, de modo a formalizar-se uma rede léxico-semântica do microssistema terminológico em pauta.

2. Relações entre conceitos e denominações

Não existe uma relação bi-unívoca entre os elementos do metassistema conceptual e os elementos dos diferentes sistemas semióticos dele dependentes. De fato, a um conceito (ou noção, ou, ainda, ao nível hiper-profundo, a um feixe noêmico) pode corresponder uma única denominação (expressão e conteúdo – semema – do signo), caso em que a relação é bi-unívoca; a um conceito podem corresponder duas ou mais denominações, numa relação de injeção; a dois ou mais conceitos pode corresponder uma denominação apenas, numa relação de sobrejeção; enfim, a um conceito pode não corresponder, em determinado estágio de língua, nenhuma denominação (*designatio* virtual ou latente):

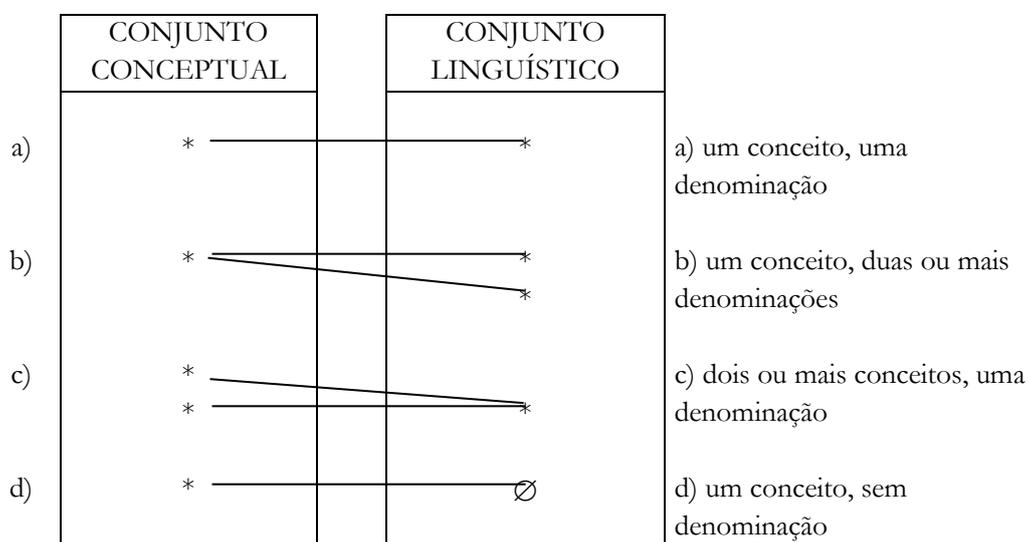


Figura 1

Uma análise noêmica, léxico-semântica e semântico-sintática de um microssistema da área de Ecologia e Meio Ambiente parece confirmar as ponderações precedentes (Barbosa, 1994).

Assim, por exemplo, para o conjunto noêmico “terreno inundável de pequena profundidade”, no português do Brasil, existem as estruturas e realizações linguísticas: *pântano*, *Paul* (considerados sinônimos numa perspectiva intra-universo de discurso); contempla, também, a designação de *brejo*, cujo conjunto espacial pode ser designado por *banhado*, *várzea*, *vazante*, constituindo o seu hiperônimo o termo *brejo*.

Contudo, há, ainda, outro conjunto noêmico nesse microssistema, “região peculiar do Mato Grosso (Brasil, que se estende pela Bolívia e pelo Paraguai, alternadamente inundada e seca”); linguisticamente manifestada como *pantanal*.

Desse modo, temos, no português do Brasil, as relações noêmico-lexêmicas:

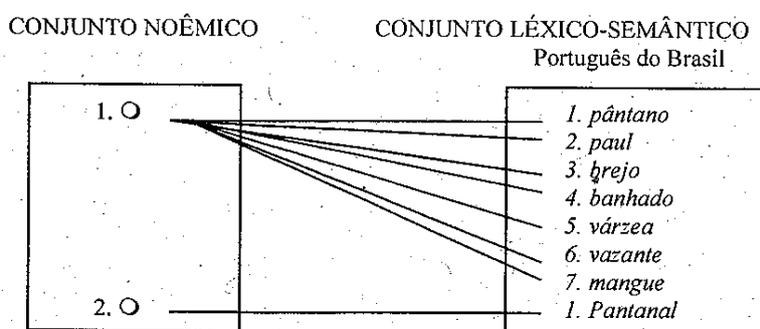


Figura 2

Já no Francês, as relações noêmico-lexêmicas, quanto a esse microssistema assim se apresentam:

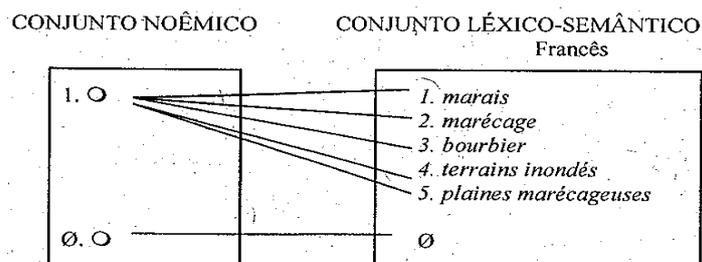


Figura 3

Noutra perspectiva, interlingüística, considerando-se o português, como língua de partida, e o francês, como língua de chegada, temos, para o primeiro conjunto noêmico, os termos aceitos como equivalentes linguísticos *marais*, *marécage*, *bournier*, *terrains inondés*, *plaines marécageuses*; para o segundo conjunto noêmico, os termos geralmente dados como equivalentes pelos dicionários português-francês são *marécage* e *marais* (Cf., por exemplo, Bourtin-Vinholes, 1953). Entretanto, uma análise noêmica e sêmica mais acurada conduz a verificar que, no primeiro conjunto, os termos da língua francesa não correspondem exatamente ao conjunto noêmico 1 do metassistema conceptual do português do Brasil e que, na verdade, não existe, no segundo caso, nenhum termo equivalente em francês, como realização linguística aceitável do conjunto noêmico 2, tornando-se necessária uma nota explicativa de caráter enciclopédico.

De maneira aproximada, poder-se-iam aceitar as relações de ‘equivalência’:

CONJUNTO LÉXICO-SEMÂNTICO/CONJUNTO LÉXICO-SEMÂNTICO

Português do Brasil

Francês

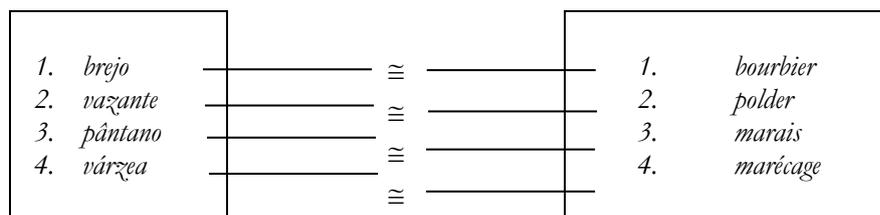


Figura 4

Além disso, o conjunto noêmico 1, no português do Brasil, e aquele que pode ser proposto como conjunto noêmico 1, em francês, parecem resultar de processos de conceptualização distintos, já que a primeira língua toma como ponto de partida o “terreno” e a segunda, a “lâmina de água”. Comparando-se os conjuntos noêmicos, temos:

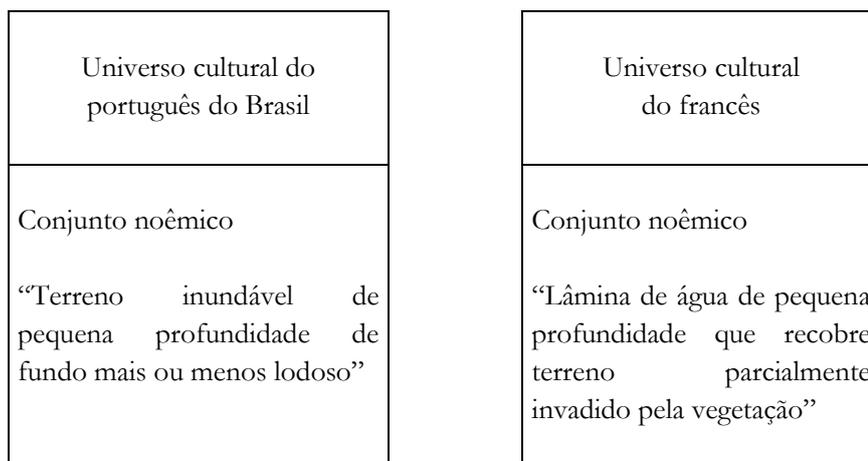


Figura 5

Observa-se que os recortes culturais partem de perspectivas distintas: um, o brasileiro, “da terra para a água”; outro, o francês, “da água para a terra”. Por essa razão, dentre outras, não há, no processo de conceptualização

da língua francesa, um lugar semântico para *pantanal*. Esquemáticamente, temos:



Figura 6

3. Configuração conceptual e denominativa

Quanto à configuração conceptual e denominativa, destacamos os seguintes aspectos:

- a) A existência de, no mínimo, dois conceitos para a mesma denominação: *ecologia*, como ciência; *ecologia*, enquanto objeto de estudo dessa ciência;
- b) A existência de várias denominações para o primeiro conceito, denominações essas empregadas indevidamente como equivalentes. Assim é que, em alguns glossários, o termo *Ecologia* é remetido para *Ciências Ambientais*, ou para *Meio Ambiente*, ou para *Mesologia*;

c) A existência de várias denominações para o segundo conceito, denominações também consideradas indevidamente como equivalentes. É nesse contexto que se estabelece uma relação de sinonímia entre *biogeocenose*, *ecossistema*, *meio ambiente*, *autorregulação*, *noossistema*, etc.

Quanto a esses termos ‘equivalentes’, elencados nos itens *b* e *c*, cumpre ressaltar que podem ser claramente distintos, por meio de uma rigorosa análise sêmica que, no entanto, ultrapassa os limites deste trabalho;

d) A existência de vários hipônimos para o hiperônimo *Ecologia*, entendida como ciência ou como grande área dos estudos do meio. São eles: *Ecologia Agrária*, *Ecologia Animal*, *Ecologia Comparada*, *Ecologia Cultural*, *Ecologia da Paisagem*, *Ecologia da Restauração*, *Ecologia das Populações*, *Ecologia do Comportamento*, *Ecologia Energética*, *Ecologia Evolutiva*, *Ecologia Genética*, *Ecologia Humana*, *Ecologia Química*, *Ecologia Urbana*, *Ecologia Vegetal*, *Ecofisiologia*, *Ecolocação*, consideradas como domínios e subdomínios da Grande Área das relações entre os elementos do meio ambiente;

e) A existência de vários hipônimos para o hiperônimo *Ecologia*, agora entendida como conjunto de todos os subconjuntos de ecossistemas. Dentre eles, citamos *ecobioma* (mais ampla unidade ecológica (ECON), que compreende uma pluralidade de ecossistemas), *ecossistema*, *ecossistema euhemioróbio*, *ecossistema humano*, *ecossistema mesohemioróbio*, *ecossistema oligohemioróbio*, *ecótipo*, *ecótopo*,

ecoespécie, ecofeno, ecofenótipo, considerados como classes e subclasses de *ecobioma*.

4. A organização das convenções linguísticas e as axiologias subjacentes: a complexa questão da tradução interlínguas

Neste trabalho, examinamos aspectos da complexa organização de convenções linguísticas e suas não menos complexas axiologias subjacentes. Partimos do princípio de que os grupos humanos reelaboram, segundo suas diferentes visões de mundo, os biofatos, os sociofatos, os psicofatos, os manufatos, gerando, assim, tantos universos antro-po-culturais quantas forem as etnias consideradas. Este processo de redução/ampliação seletiva de traços caracterizadores dos ‘fatos naturais’, constitutivos da substância do conteúdo, denomina-se conceptualização (Pottier, Rastier, Greimas, Pais), que em última análise é o processo de conversão da ‘substância do conteúdo’ em ‘forma do conteúdo’. Neste patamar do percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação, tem-se um sistema muito bem organizado de conceitos, grandezas pré e trans-semióticas que, em etapa posterior, serão transformadas em signos. *Formar* é aqui entendido, pois, como processo de atribuição e supressão de valores e funções; de constituição de núcleos semânticos cognitivos que, muitas vezes, estão muito distantes da realidade fenomênica. Chegamos, assim, a uma definição de língua que nos parece muito precisa, densa e veraz:

(...) uma das definições possíveis (e até mesmo, conforme pensamos, a mais fundamental) de uma língua, na acepção saussureana do termo, é a que consiste em defini-la como uma forma específica organizada entre duas substâncias: a do conteúdo e da expressão... (Hjelmslev, *apud* Lopes, 1976, p. 94)

Qualquer grupo etnolinguístico tem uma conceptualização própria do mundo e uma semiotização específica do universo conceptual. Lembremos aqui as palavras oportunas do linguista dinamarquês Louis Hjelmslev, sobre a teoria da substância e forma do conteúdo.

O sentido, em si mesmo, é informe, isto é, não está submetido, em si mesmo, a uma formação, mas é suscetível de uma formação qualquer. Se há limites aqui, eles estão na formação e não no sentido. É por isso que o sentido é, em si mesmo, inacessível ao conhecimento, uma vez que a condição de todo conhecimento é uma análise, seja qual for a sua natureza. Portanto, o sentido só pode ser reconhecido através de uma formação, sem a qual ele não tem existência específica (...). É por isso que a construção de uma gramática sobre os sistemas ontológicos está tão destinada ao fracasso quanto a construção da gramática de uma determinada língua sobre uma outra língua (...) as diferenças entre as línguas não provêm das realizações diferentes de um tipo de substância mas das realizações diferentes de um princípio de formação ou, em outros termos, de diferentes formas em relação a um sentido idêntico, porém amorfo. (Hjelmslev, 1975, p. 79-80)

Essas relações podem ser assim formalizadas:

Sustentação de um sistema linguístico-cultural

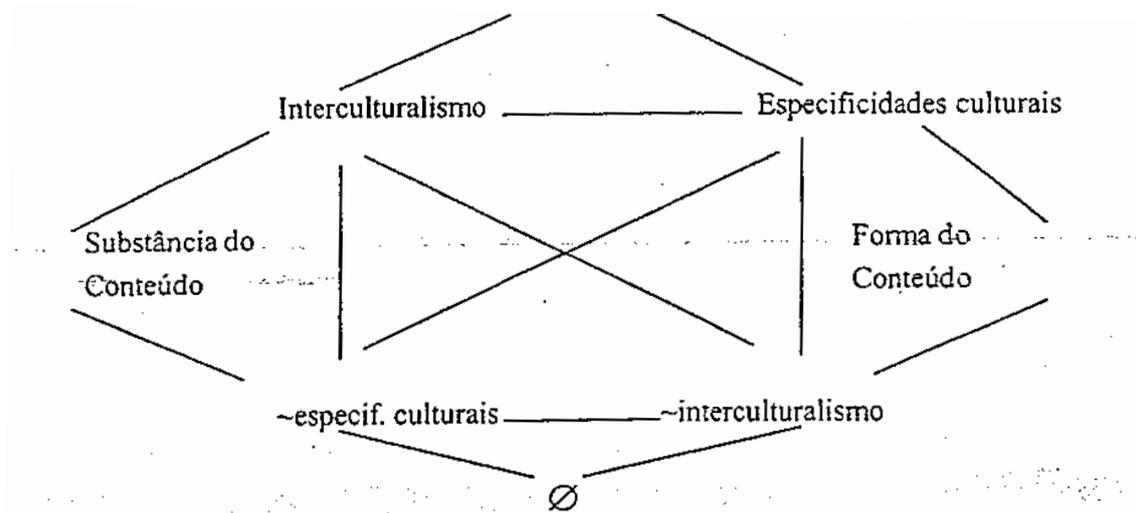


Figura 7: Relações Interculturais

As especificidades culturais constituem, pois, a própria natureza dos grupos étnicos, os quais, entretanto, mantêm com os outros grupos humanos, relações interculturais e interlinguísticas. Desse modo, sustentam-se em especificidades axiológicas, mas não escapam das influências axiológicas de outras culturas.

Quanto à questão da natureza das especificidades, acreditamos que não existem culturas superiores nem inferiores, não existem línguas bizarras ou civilizadas, trata-se de considerar que haverá tantas culturas e tantas línguas quantos forem os grupos étnicos considerados, cada qual com suas características e convenções. O princípio do interculturalismo dialeticamente se articula com as identidades.

Sobre as especificidades e os saberes compartilhados, assim se expressa Hjelmslev (1975, p. 57):

observa-se que o sentido não-formado assume uma forma de modo diferente em cada língua. Cada uma dessas línguas estabelece suas fronteiras na massa amorfa do pensamento, ao enfatizar valores diferentes, numa ordem diferente, coloca o centro de gravidade diferentemente e dá ao centro de gravidade um destaque diferente.

A esse complexo processo de redução/ampliação seletiva dos dados da experiência, denomina-se conceptualização, que, em última análise, equivale à ideologia, ou aos sistemas de valores de um grupo étnico, à sua visão de mundo, enfim à sua axiologia. Existe uma cognição específica de uma comunidade e cognições compartilhadas por várias comunidades, ou ainda, como sublinha Pais (2006, p. 193), trata-se de pregnâncias socioculturais ou das escolhas dos sujeitos coletivos. Tem-se, pois:

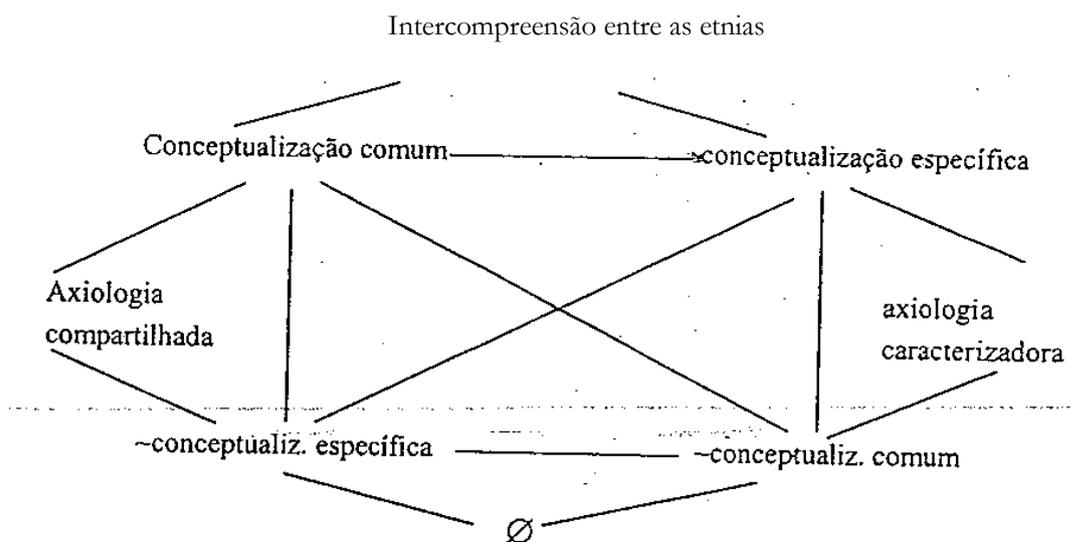


Figura 8: Intercompreensão entre as etnias

4.1. Das pregnâncias no processo de conceptualização

Em seu excelente livro *Théorie et analyse en linguistique*, Pottier (1992: p.10) mostra aspectos bastante interessantes e originais da complexa questão dos universais linguísticos. De acordo com o princípio Hjelmsleviano (1975), de que não existe uma formação universal e, sim, um princípio universal de formação, Pottier apresenta alguns princípios e processos estruturais comuns a todas as línguas.

Ressaltamos, neste artigo, dois deles, que nos parecem essenciais naquilo que podemos considerar como axiologias compartilhadas: o primeiro refere-se aos universais de conceptualização e o segundo, à posição fundamental e comum a todas as línguas, de grandes categorias de significado, como a dêixis (eu, aqui, agora); a modalidade (o pensamento crítico do eu sobre o propósito), a hierarquização intencional (pressuposição, tema-rema);

processos de topicalização e de focalização; efeitos ilocutórios e perlocutórios, etc.

No sistema axiológico de uma etnia, essas estruturas e relações podem ser assim formalizadas:

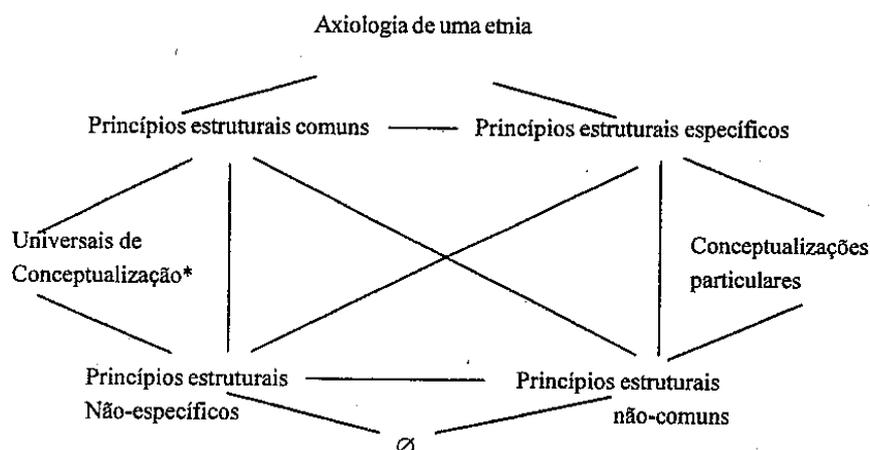


Figura 9: Axiologia de uma etnia

* e das grandes categorias de significado, como a dêixis, as modalidades, a topicalização, no processo de enunciação.

Pelo modelo acima, observa-se que o sistema axiológico de uma etnia caracteriza-se por uma tensão dialética entre princípios estruturais comuns e princípios estruturais específicos. A combinação de princípios estruturais comuns e princípios estruturais não específicos definem a dêixis positiva, universais de conceptualização. A combinação de princípios estruturais específicos e princípios estruturais não-comuns define a dêixis negativa, conceptualizações particulares.

Verifica-se, conforme a figura 3, que há elementos comuns entre as etnias, no que concerne aos processos de conceptualização, em nível de estrutura hiperprofunda, aos processos dêíticos e modalizadores, dentre

outros. Por outro lado, há processos e produtos de conceptualizações particulares característicos de uma etnia.

Assim, podemos afirmar que existe inter e transconceptualização no pluriculturalismo.

De fato, como afirma Pottier (1992, p. 12)

La convergence de l'universel par généralisation et de l'uiversel par innéité nous semble um résultat naturel. Contrainte et liberté, unité et variété ne sont qu'un même principe manifeste dans ces termes complémentaires.

Citons E. Coseriu: Toutes les langues sont différentes les unes des autres. Toutes les langues sont construites selon les mêmes principes et sont, un certain sens, identiques sont des affirmations contraires, mais non contradictories. (Coseriu, 1978, p. 2020)

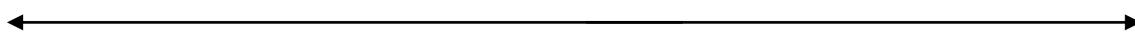
Conclui Pottier que:

L'homme est semblable à l'homme: le monde terrestre est essentiellement semblable à lui-même en tous lieux: l'interaction (les langues) aura cette propriété (principe dominant). Tout homme a ses spécificités, toute aire terrestre a ses spécificités: les modalités de l'interaction seront spécifiques (principe dominé).

4.2. A tradução interlínguas

Pela complexidade aqui exposta, verifica-se o quanto é difícil o fazer tradutológico. Difícil, entretanto, não quer dizer impossível, pois todas as línguas partem de uma substância do conteúdo estruturável comum. Com efeito, o potencial de informação, os dados da experiência, a informação virtual são praticamente os mesmos, 'formados' de maneira diferente conforme a projeção dos homens sobre elas. Não obstante a forma de o conteúdo ser única e exclusiva, a substância, geral, garante o mínimo de

conceptualizações comuns, garante formas linguísticas que vão da maior ou menor equivalência.



+
maior equivalência

menor equivalência

Essa escolha, a da maior e a da menor equivalência, não é uma opção do tradutor: o universo de discurso determina o rigor da escolha dessas formas. Assim, a não subjetividade tradutória, a não multiplicidade de leituras e interpretações do texto da língua de partida, é muito maior nas linguagens de especialidade, que têm de ser traduzidas com uma margem muito pequena de variação.

Já nos textos não especializados, a liberdade é bem maior por parte do tradutor, a quem é conferido o direito de reinterpretar o discurso da língua de partida, de acordo com a sua própria concepção de mundo.

Referências Bibliográficas

AB'SABER, Azis Nacib *et al.* *Glossário de Ecologia*. São Paulo: Academia de Ciências do Estado de São Paulo, CNPq, FAPESP. Secretaria de Ciência e Tecnologia, 1987.

BARBOSA, Maria Aparecida. Aspectos da produção dos vocabulários técnico-científicos. *Estudos linguísticos XVII. Anais de Seminários do GEL*. São Paulo: GEL/USP, 1989, p. 105-112.

_____. Da microestrutura de vocabulários técnico-científicos bilíngues: para um microsistema terminológico de ecologia e meio ambiente. *IV Simpósio Iberoamericano de Terminologia RITERM*. "Terminologia y

Desarrollo” (Buenos Aires, Unión latina, Secretaria de Ciencia e Tecnologia de la Nación), 1994, pág. 141-146.

CABRÉ, Maria Teresa. – *La terminologia. Teoria, metodologia, aplicaciones*, Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

CABRÉ, Maria Teresa e FREIXA, Judit. Reflexiones acerca de la noción de equivalencia conceptual em terminologia. Correia, Margarita (Org.). *Terminologia, desenvolvimento e identidade nacional. IV Simpósio Iberoamericano de Terminologia*. Lisboa: Edições Colibri, 2002, p. 481-495.

COSERIU, Eugênio . *Gramática Semântica Universales*. Madrid : Gredos, 1978.

GALISSON, Robert. – “Entrer en la langue/culture par les mots. Esquisse d’un modèle d’organization et de la description des contenus lexico-culturels d’enseignement/apprentissage”. In: Colóquio de Lexicologia e Lexicografia. Actas. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1991.

HJELMSLEV, Louis. – *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

FAULSTICH, Enilde. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. ALVES, Ieda Maria (Org.) *Tradterm*. São Paulo: Humanitas-FFLCH-USP, vol. 7, p. 11-40, 2002.

FINATTO, Maria José Bocorny .Terminologia e ciência cognitiva. In: KRIEGER, Maria da Graça e MACIEL, Anna Maria Becker (Orgs.) *Temas de terminologia*. Porto Alegre / São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001, p. 141-154.

LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1976.

PAIS, Cidmar Teodoro. O saber compartilhado, o mundo semioticamente construído e o discurso publicitário institucional. In: Anais do IX Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Rio de Janeiro. Cifefil, 2006.

POTTIER, Bernard. *Théorie et analyse en Linguistique*. Paris : PUF, 1991.